

# Apresentação

Nos distintos e diversificados campos de estudo e pesquisa da área da linguagem, revela-se, como tendência programática da pós-modernidade, a investigação reflexiva acerca dos sentidos, suas formas de representação, produção de efeito e modos de negociação e de resistência. É nesse contexto temático que reunimos, no presente número da Revista *Gragoatá*, vinte artigos e duas resenhas, que se voltam para o tratamento de questões de produção, interpretação e negociação de sentidos, seja em contextos das práticas linguísticas cotidianas ou rotineiras, quanto em campos mais específicos de manifestação da linguagem, como o da literatura.

Na primeira seção, reunimos os artigos dedicados à questão do sentido numa vertente mais linguística. Trata-se de três trabalhos voltados para a reflexão eminentemente teórica desse campo de investigação, seguida de seis outros que tratam de pesquisas empíricas em torno do tema. A seguir, a discussão e a reflexão situam-se no contexto literário, com onze trabalhos nesse campo de investigação, distribuídos em três artigos de reflexão teórica e oito de tratamento mais específico de determinadas produções literárias. Duas resenhas críticas fecham o presente volume.

No primeiro artigo, Danilo Marcondes abre a discussão acerca dos "Sentidos, efeitos, resistências" com a proposição, a partir do contexto da filosofia da linguagem contemporânea, do tratamento pragmático da linguagem, tanto do ponto de vista conceitual quanto metodológico. Com base nos dois teóricos mais representativos dessa área de investigação – Wittgenstein e Austin – o autor retoma e redimensiona a Teoria dos Atos de Fala, na defesa de sua concepção como um parâmetro legítimo de tratamento pragmático da linguagem. Para tanto, teoricamente, propõe que se leve em consideração a prevalência da noção de ação sobre a do contexto e, metodologicamente, admitindo a fragmentação e complexidade das manifestações linguísticas, preconiza a consideração de modelos mais sistemáticos de classificação de seu funcionamento, incapazes, contudo, de descrever por completo tais manifestações.

A concepção de linguagem wittgensteiniana também é discutida por Ana Paulo Grillo El-Jaick, que advoga a reflexão e revisão da tendência contemporânea de desconstrução dos sentidos no âmbito da interpretação de textos. Nesse segundo artigo, a autora aborda o que considera o "paradoxo interpretativista" de nossa época, ponto extremo a que chegam as

concepções pós-estruturalistas do significado, que afirmam não haver qualquer relação entre sentido e sua representação. Como estratégia de superação desse impasse, El-Jaick sugere a concepção de linguagem assumida por Wittgenstein, por intermédio de sua noção de interpretação em *Investigações filosóficas*, com base na noção dos jogos de linguagem, segundo a qual dizer e fazer são rituais indissociáveis, em que os humanos, os jogadores, instituem e automatizam as regras do trato lingüístico.

Ainda num viés eminentemente teórico de discussão acerca dos sentidos, mais especificamente da semiose e do silêncio, Gérard Dessons aborda, conforme revela o título de seu artigo, "Le silence du langage". Assumindo o conceito de silêncio em sua relação intrínseca com a linguagem, o autor aborda as concepções e representações já assumidas pelo silêncio, a partir do antagonismo clássico entre o silêncio e a linguagem, o nada e o tudo, o negativo e o positivo. Nessa travessia, que passa pelos campos da retórica, da literatura e da lingüística, Dessons desfaz a antítese consensual, em prol da concepção do silêncio como um espaço do fazer, da constituição e da historicidade da própria linguagem.

Abrindo a série de artigos empíricos, com base numa perspectiva sócio-construtivista e interacional, Maria do Carmo Leite de Oliveira e José Roberto Gomes da Silva tratam da constituição de identidades profissionais no contexto atual do trabalho, marcado pela combinação de questões globais e locais, ou "glociais". Partindo de uma situação de mercado freqüente e cotidiana – a compra de uma estatal brasileira por um grupo estrangeiro, os autores analisam como a percepção dos empregados é (re)constituída nesse novo ambiente, como as mudanças organizacionais do mundo pós-moderno implicam também repaginamento de identidades, em que crenças, atitudes e linguagens são reajustados, em que sentidos são redimensionados.

No artigo seguinte, também com foco em contexto organizacional – cartas de reclamação de clientes a uma firma construtora, Victoria Wilson analisa a constituição de identidades envolvidas nessa prática – os reclamantes e a própria firma. A autora concentra-se na questão da afetividade, demonstrando como o social e o pessoal se entrecruzam e, assim, se forjam nos dizeres da reclamação, criando identidades e representações. Sua análise leva à proposição de três sentidos afetivos articulados nas cartas de reclamação: pseudo-neutralidade, ambivalência afetiva e hostilidade, três pontos de um *continuum* heterogêneo e instável, em que se inscrevem as complexas redes da expressão do afeto, mediadas pela linguagem.

As subjetividades sociais, na feição política e jurídica, são tratadas por Freda Indursky em seu artigo sobre os discursos

do/sobre o MST veiculados na mídia nacional. Com base em Pêcheux e seu conceito de Formação Discursiva, Indursky levanta, descreve e analisa as designações "invasão" e "ocupação" com que a mídia refere-se às atividades do MST, na demonstração de como esses termos concorrem para a manifestação de subjetividades em confronto, chegando à instauração do conflito na interpretação jurídica. A autora evidencia como, na articulação dessas duas designações, estão em jogo e em construção sentidos como os de posse e legalidade, na evidência de como a linguagem configura ou transfigura outras instâncias subjetivas e sociais.

O discurso da mídia, mais especificamente o da crônica jornalística, é também o contexto de reflexão de Gabriela Kvacek Betella. Em seu artigo, sob o título "Da ponta da linha ao fim da picada", a autora apresenta um breve panorama da crônica brasileira, com foco em três dos nomes mais representativos dessa atividade – Machado de Assis, João do Rio e Arnaldo Jabour, concentrando-se neste último, cineasta e cronista contemporâneo. Betella destaca a crônica jornalística como um "locus" de representação da realidade brasileira, mistura de narrativa e subjetividade, espaço de tensão entre acontecimento e texto, entre o fato e sua representação lingüística, este último como contexto de produção e de disseminação de sentidos. No histórico analisado, a autora aponta a mudança do perfil da crônica e dos cronistas, bem como discute como essa mudança afeta os sentidos aí em negociação.

Na interface psicanálise x lingüística, Mariluci Novaes formula, descreve e analisa uma nova funcionalidade para os nomes próprios na escrita psicótica. Ao lado das três clássicas – designação, interpelação e definição, a autora sugere uma quarta, nomeada "função anagramática", segundo a qual os nomes próprios, desconstruídos e reconstruídos pelos sujeitos psicóticos, conduzem à narrativa que estes fazem de si mesmos. Assim, tal função atua na constituição do sentido identitário, na atribuição de função ao anteriormente arbitrário. Partindo da narrativa de Schreber, doente mental internado num asilo alemão em 1903, Novaes demonstra como a função anagramática, articulada pelo nome próprio do asilo e do pai do protagonista, concorre para configuração da trajetória autobiográfica de Schreber.

Em "Tradução e viagem: relações de poder", Cristina Carneiro Rodrigues investiga as articulações da hegemonia do poder relacionadas às práticas de tradução e de viagem. Para tanto, debruça-se sobre o relato de viagem ao Brasil de Sir Richard Francis Burton, viajante e tradutor inglês, e de textos de dois tradutores de Burton no Brasil – Lacombe e David Jardim Júnior. As aproximações e distinções entre textos originais e traduzi-

dos, a partir do olhar do próprio e do "outro", põe lado a lado questões de negociação e de conflito do dizer, em que o olhar nacional e o estrangeiro revelam distintos pontos de vista. Nessa perspectiva, tanto o texto original quanto o traduzido configuram-se como modos de interpretação de sentidos, contingenciados como produtos de sujeitos historicamente situados e mediados pela linguagem.

Na passagem dos estudos lingüísticos para os literários, lemos o artigo de Francine Cicurel, que desenvolve estudo sobre as práticas comunicativas da oralidade na escrita literária, interrogando a capacidade humana de efetuar uma "leitura do outro". Transitando pelas áreas da lingüística interacionista e da antropologia, discute a hipótese de que, na escrita literária, há o acesso a elementos comunicativos que não se manifestam na prática da oralidade, considerando que "les formes écrites peuvent devenir un support privilégié pour une meilleure connaissance de l'oral". Seu trabalho ressalta o papel ativo do leitor frente a essa escrita para compreensão de formas de comunicação oral muito variadas em torno de registros emocionais.

Já no campo mesmo dos estudos literários, os artigos de Maria Antonieta Borba e Nuno Júdice propõem reflexões teóricas em torno do efeito estético e da especificidade do poético. A primeira desenvolve um estudo contrastivo entre Roland Barthes, em *S/Z* (1970), e Wolfgang Iser, em *The Act of Reading* (1978), para discussão de aspectos importantes da relação entre literatura e leitor, evidenciando criticamente como Barthes e Iser, entre aproximações e distanciamentos, enfrentam os sentidos de interpretação, questionando "os pressupostos e respectivos quadros de categorias" no âmbito do pensamento teórico do século XX, principalmente pela interrogação dos fundamentos da metafísica e das concepções materialistas de interpretação. O segundo, poeta dos mais importantes na contemporaneidade portuguesa, indaga o papel do sujeito no texto poético, compreendendo o poema como lugar que produz sua interpretação, "o(s) seu(s) sentido(s), as suas origens". Seu artigo continua a discussão entre literatura e leitor, destacando, na sua própria área de criação, a poesia, a tensão irremediável em torno da *voz* que movimenta o poema. Ao defender que "o lirismo puro é um equívoco", questiona as relações subjetivas que motivam a poesia e sua recepção.

Os artigos seguintes demonstram o desenvolvimento de análises específicas de escritas literárias, compondo um conjunto teórico-crítico instigante para refletir, na literatura, sobre os sentidos, as formas de representação, a produção de efeito e modos de resistência. São oito artigos que se constroem sobre obras literárias brasileiras e estrangeiras diversas. Em cuidadosa leitura da obra de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, Alexan-

dre Martins defende que a plurissignificação dos signos ideográficos presentes nesse texto literário constitui forma de duplicação de sua temática, especialmente em relação ao uso da pontuação. Sua análise busca comprovar como o ato literário, nesse caso, exige do leitor uma travessia atenta do texto para compreensão do que se desloca para além da palavra. Também concluindo sobre o papel ativo que o leitor exerce para dar sentido ao texto, Patrícia Cardoso aborda um conto machadiano, descrevendo os procedimentos temporais, os anisocrônicos, que dão ao texto machadiano sua força de ambigüidade, força provocadora para o leitor. Demonstrando que a escrita de Machado estabelece dialogismos por meio da elipse, a autora constata que o escritor brasileiro desmonta a estrutura rígida do discurso ocorrencial clássico.

Sobre autores franceses, desenvolvem-se os ensaios de Marcos Siscar e Deise Quintiliano. Com densa análise sobre a obra de Genet via a leitura crítica que dela faz Jacques Derrida em seu livro *Glas* (1974), Siscar busca compreender "um acontecimento de sentido cercado por um gesto de silêncio". Sua análise acaba por propor não só "uma certa experiência de texto", mas principalmente o questionamento sobre determinado conhecimento acerca da literatura. Já Quintiliano retoma a obra de Jean Paul Sartre, principalmente *A Náusea* (1938), para seguir a relação do filósofo como uma certa teoria do imaginário, que lhe possibilitou uma experiência de liberdade criadora, mas também tornou-se fonte de engajamento e de resistência.

Sobre autores portugueses, seguem-se quatro estudos que vão da Idade Média à contemporaneidade: José d'Assunção de Barros apresenta discussão sobre poesia e poder, tendo como objeto de análise a poesia trovadoresca de caráter político. A partir de uma cantiga medieval ibérica "A lealdade do Bezer-ra", composta em torno de 1247, o autor busca demonstrar a multiplicidade de sentidos conforme os deslocamentos sociais e políticos de sua recepção. Maria Lucia de Oliveira examina *Os Teclados*, narrativa da escritora portuguesa Teolinda Gersão, demonstrando como esse romance contemporâneo realiza uma leitura da família e do feminismo a partir de um sujeito que se vai constituindo na experiência do estético. Também Carla Miguelote e Luis Maffei abordam poetas que, a partir dos anos oitenta, descentram uma determinada ordem de discurso poético, exigindo novas relações de sentido. Seja na experiência visceral da linguagem, seja na reatualização da palavra camoniana, os dois autores oferecem leituras originais de dois autores portugueses instigantes: Luís Miguel Nava e Manuel de Freitas. O primeiro construindo sua poética como uma experiência de caos que repudia os sentidos da convenção e o ordenamento das formas; o segundo, autor de uma polêmica

antologia portuguesa dos anos 90, *poetas sem qualidades*, reivindica seu lugar de leitor crítico de uma tradição poética, enfrentando o que poderíamos chamar de uma "domesticação" da literatura.

Por fim, duas resenhas encerram este número da *Gragoatá*: uma sobre o livro *Poesía concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*, de Gonzalo Aguilar, crítico argentino e professor de literatura brasileira da Universidade de Buenos Aires, e a outra sobre *After Theory*, obra do conhecido crítico do pós-modernismo, Terry Eagleton.

Esperamos que essa seleção de artigos contribua de forma significativa para a reflexão aprofundada dos temas propostos, como também continue a representar um espaço de questionamento e de abertura a novos autores, a novas leituras e a mais leitores.

*Ida Ferreira Alves e Mariangela Rios de Oliveira*  
Organizadoras